

Congonhas

J. Roberto Whitaker Penteadado

Entre 30 e 35 mil pessoas passam diariamente pelo aeroporto de Congonhas – como passageiros – sem mencionar os acompanhantes, os familiares, as pessoas que trabalham no recinto do aeroporto, que podem elevar essa cifra facilmente a uns 40 mil. Em uma semana são 200 mil. Muita gente.

Esses números deixam-me ainda mais perplexo a respeito do assunto do artigo de hoje: os constantes reposicionamentos de aeronaves, que passaram a ocorrer há uns seis meses, desde que ficaram prontas as novas passarelas para embarque e desembarque.

Caso você não esteja entre esses 200 mil – ou esteja e não tenha notado – eis o que se passa: o cliente-viajante chega ao check in de qualquer uma das companhias aéreas e recebe um cartão de embarque, no qual está escrito – entre outras informações – o número do portão/passarela pelo qual deverá embarcar, digamos, 3, 5 ou 8.

A pessoa dirige-se a ala nova, que tem escadas rolantes, passa pelo controle dos cartões, depois pelos ladrões de tesourinhas e canivetes, da Polícia Federal, e passa diante de painéis que indicam número e destino dos vôos, assim como portão de embarque. Em geral, são os mesmos 3, 5 ou 8 - ou outro número - que foi marcado no seu cartão.

O viajante, então, dirige-se ao "seu" portão de embarque.

Quando faltarem uns 10 a 15 minutos para o embarque, as probabilidades são de quase 100% de que ouvirá o seguinte aviso: "Informamos aos passageiros do vôo xis da companhia tal que, devido ao remanejamento de sua aeronave, o embarque será efetuado pelo portão 8, 5, 3 ou 21" – que nunca será o número marcado inicialmente. E os passageiros sairão todos de onde estavam e – ovinamente – se dirigirão ao novo portão, como naquele filme de Jacques Tati, *Playtime*.

Isso vem acontecendo há seis meses e – entre os milhões de passageiros que foram vítimas e testemunhas desses remanejamentos – eu sou o único que se deu conta do fato. Sim, porque eu sou o único que reclama, que faz gracinhas com o pessoal das cias. aéreas, que escreve para o ombudsman da Infraero (não me deu bola) para os SACs de todas as empresas e – também – para os dez principais jornais do País. Nenhum deles publicou a minha carta.

O caro leitor, certamente, terá o direito de perguntar-me se faço isso por gosto ou por paranóia. Responderei que nenhum dos dois. Faço-o por indignação, faço-o por dever cívico, faço-o porque não consigo me conformar que – entre todos os aeroportos do mundo – o de Congonhas, em São Paulo, não foi capaz de organizar-se para encaminhar simultaneamente os seus aviões e os seus passageiros para a mesma passarela de embarque!

Faço-o também no lugar de todos aqueles jornalistas, repórteres, pauteiros e chefes de redação que não se deram conta de que uma grosseira incompetência na prestação de serviços a 12 milhões de cidadãos por ano é assunto de pauta, sim, e deveria ter sido matéria de primeira página e também – no mínimo – dos noticiários de SP no rádio e na TV, se não puder ser no *Jornal Nacional*.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Congonhas. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteadado**, Rio de Janeiro, fev. 2005. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=270&ID=253>>. Acesso em: 10 set. 2009.